

**J. de Figueiredo Filho e a (re)construção do passado do Cariri Cearense:
Historiografia e o ofício do historiador (1937-1973)**

HILDEBRANDO MACIEL ALVES*

“Finalmente, o que é uma ‘obra de valor’ em história? Aquela que é reconhecida como tal pelos pares. Aquela que pode ser situada num conjunto operatório” (CERTEAU, 1982: 57).

O presente artigo é fruto da pesquisa que venho desenvolvendo no Mestrado em História da Universidade do Rio Grande do Sul. Procuro compreender, através da análise das obras e atuação intelectual de José Alves de Figueiredo Filho, as dinâmicas de concepção e legitimação de uma prática historiográfica – atentando para a mesma como um elemento que institui demarcações espaciais e elucida relações temporais – entre os anos 1930 e 1970. Para tal fim, dois aspectos gerais serão abordados: o autor e seu lugar social – atentando para sua formação e legitimação intelectual, atrelada ao discurso e a lógica que esses espaços constituíram - e a produção/legitimação de Figueiredo Filho como historiador. O que se busca, ao analisar esse caso, é a exaustiva, porém necessária, reflexão acerca do fazer história.

UM SUJEITO E SEU LUGAR SOCIAL: J. DE FIGUEIREDO FILHO E A INTELLECTUALIDADE DO CARIRI

José Alves de Figueiredo Filho nasceu na cidade do Crato no dia 14 de Julho de 1904 e faleceu no ano de 1973. Seu pai, José Alves de Figueiredo (mais conhecido como Zuza da Botica), era dono da Farmácia Central do Cariri - ponto de encontro de inúmeros personagens políticos do Crato e local de extrema importância para sua formação. A relevância atribuída à farmácia de seu pai pode ser encontrada na produção de sua autobiografia “Meu mundo é uma farmácia”. Nela, percebemos o destaque dado aos momentos vividos na Farmácia Central e os desdobramentos dessas experiências para sua formação: Figueiredo Filho conclui o curso de Farmácia e elenca as características do farmacêutico, enquanto profissional, como fundamentais para o

* Mestrando em História - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Patrimônio e Memória (GEPPM/CNPq – UFC).

desenvolvimento de um caráter íntegro e dedicado. Deve-se atentar para a titulação de sua obra; a farmácia não é apenas o lugar de trabalho, mas o lugar que molda o autor enquanto sujeito.

Herdada pelo pai, a profissão de farmacêutico apresenta uma grande ligação entre o filho e o progenitor. Não apenas na área da produção de receitas para a cura de males, o gosto pela cultura e pelo conhecimento também é apresentado como uma “herança imaterial” que Zuza da Botica deixa. Em matéria publicada no jornal “Diário do Nordeste”, a neta de Figueiredo Filho retrata o que seria a origem/explicação do esforço do avô pela valorização de sua terra:

[...] desde cedo vovô convivia com o povo simples no ambiente da farmácia e andava nos pés de serra do Crato, onde o seu pai tinha um sítio. Ali teceu os laços de amizade e afeto que logo vieram a fecundar um sentimento de valorização pelas manifestações culturais desta gente, imortalizado, assim, nos seus livros.¹

Sua formação superior ocorreu na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, que tinha sede na capital Fortaleza, em 1925. Depois de formado, sua maior atuação profissional e intelectual foi na sua cidade natal, onde participou do Instituto Cultural do Cariri (ICC). Criado no dia 04 de Outubro de 1953, o Instituto Cultural do Cariri – instituição intelectual composta por diversos sujeitos que atuavam na região caririense – tinha por finalidade – segundo seu estatuto de fundação - estudar as ciências, letras e artes em geral, dando uma relevância maior à História Política e Geográfica do Cariri. A estruturação da agremiação assemelhava-se ao Instituto do Ceará (1887). Sua organicidade se fazia presente nas solenidades, palestras, eventos e nas publicações anuais de sua revista, Itaytera.

J. de Figueiredo Filho, modo como assinava a grande maioria de seus escritos, contribuiu para o desenvolvimento de uma ambiência favorável à valorização da cultura e do passado de sua terra por meio do campo intelectual dentro e fora da região do Cariri Cearense: foi membro e presidente do Instituto Cultural do Cariri, Inspetor Regional de Educação, Professor da Faculdade de Filosofia do Crato (onde ministrou a disciplina de História do Cariri), ocupou a cadeira de nº34 na Academia Cearense de

¹ Diário do Nordeste, 05 de maio de 2011. Disponível em:
<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=983147>

Letras. Ao longo de quase meio século, o autor em questão estabeleceu relações com diversas instituições, forjando uma trajetória intelectual marcada pela defesa intransigente do caráter progressista e moderno de suas raízes, esquecida pelos governantes, de acordo com o texto de apresentação do primeiro número da Revista Itaytera:

'Itaytera' quer seu lugar ao sol. Já passou da época da preponderância absoluta do litoral em todos os setores da vida. No interior e na região é onde pulsa o verdadeiro coração do Brasil. [...]. Não podemos viver mais em regiões estanques, sem contato com o Estado, o país e a própria humanidade. (REVISTA ITAYTERA, Nº1, 1955)

Esse discurso nos coloca diante de um posicionamento que é tomado por parte dos intelectuais do Cariri² nas relações estabelecidas entre sua localidade e a noção do país, como um todo: uma necessidade de reconhecer o papel e relevância do sul do Ceará em relação à nação, seguindo a tônica do discurso em defesa do progresso³. O discurso de sua formatura apresenta as premissas de sua visão de mundo que pautaria suas obras e atuação em torno de um projeto específico para o desenvolvimento de sua região.

[...] É que também foi e é uma elite a fatora por excelência do grau da civilização a que atingimos modernamente e é de uma verdade irrefutável esta frase [...] o progresso é obra de minorias ilustradas e atrevidas [...]. O segredo dessa superioridade é por demais inacessível aos fracos, incapazes, portanto, de um ideal elevado [...]. O nosso organismo, campo vastíssimo de lutas, está sobremaneira dependente de uma inteligência que o domina [...] o mais inteligente está na escala superior, sobretudo em época em que a força física perdeu a supremacia de outrora. (FIGUEIREDO FILHO, 1996: 82-83)

O progresso aqui é tomado como algo que é fruto de um seletivo grupo que deveria possuir características como a vanguarda e a coragem de lutar pela valorização

² Neste caso, estamos fazendo referência aos sujeitos que compuseram o Instituto Cultural do Cariri: José Alves de Figueiredo Filho, Irineu Pinheiro, Padre Antônio Gomes de Araújo, João Lindemberg de Aquino, Raimundo de Oliveira Borges, dentre outros.

³ A presente leitura é realizada, partindo das práticas discursivas realizadas no processo de criação do Instituto Cultural do Cariri. Desse modo, propomos partir desse posicionamento sem excluir a possibilidade enxergar as disputas pela superioridade entre os intelectuais do ICC, como sujeitos legitimados para falar sobre determinado aspecto da região, e deste modo, imprimir sua perspectiva como hegemônica. Tendo em vista que outras leituras sobre o posicionamento dos intelectuais nessa ótica da hierarquia já existem, não excluimos essa possibilidade. Para mais dados sobre esse debate ver: CORTEZ, Antonia Otonite de Oliveira. **A construção da "cidade da cultura": Crato (1889-1960)**. Rio de Janeiro, 2000. UFRJ. Dissertação de Mestrado.

de sua sociedade. Esses “escolhidos pelas luzes do conhecimento” deveriam travar uma intensa batalha de superar os atrasos existentes e, através das letras e da cultura, trazer o progresso para os que não possuem tal poder. Vale ressaltar, que a perspectiva de progresso e desenvolvimento direcionada pelos intelectuais do cariri cearense perpassava pela valorização das questões convencionadas por eles como históricas, tradicionais e naturais. O desenvolvimento do capitalismo e da dita modernidade não poderia destruir as raízes históricas e culturais que legitimavam essa espacialidade como detentora de características fundamentais para o país.

Defendia-se o reconhecimento da contribuição da localidade para com o desenvolvimento e o reconhecimento das riquezas – naturais, intelectuais, materiais - do país⁴, como podem ser analisados nos comentários à primeira edição da Itaytera:

Mas o que chama mais atenção na simpática publicação é o sentido eminentemente regionalista que a orienta. Não se trata, na verdade, de regionalismo com a condenável finalidade de separar, mas do sadio regionalismo visando definir as características de uma das zonas mais típicas de todo o Nordeste. [...] - JOSUÉ DE BRITO. - (<<Unitário>>, 7-5-55). (REVISTA ITAYTERA, n° 2, 1956)

Um movimento de ótica regionalista com uma perspectiva diferenciada: o bairrismo por si só não sustenta os intelectuais do ICC como legitimados a proferir posicionamentos sobre o passado caririense. Para além de uma lógica separatista e excludente, podemos situar Figueiredo Filho como um integrante de “[...] *um novo regionalismo, não aquele difuso e provinciano do século XIX e início do século XX, mas um regionalismo que reflete as diferentes formas de se perceber e representar o espaço nas diversas áreas do país.*” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011:52).

Sua escrita variada e inquietações o tornam um autor de inúmeras faces; destaca-se uma produção que não se restringe ao processo de escrita sobre o passado em cunhos históricos. Suas obras perpassam diversos gêneros narrativos: O Romance intitulado *Renovação* (1937), que tratava sobre as mazelas sofridas pelos sertanejos devido à seca

⁴ Segundo o historiador Francisco Régis Lopes Ramos, essa relação já pode ser encontrada no século XIX. A “parte” e o “todo” constituíram o processo de construção do passado da nação e pode ser visto como uma relação estabelecida dentro dos círculos intelectuais brasileiros no início da República. Percebe-se a necessidade de cada grupo se colocar a total disposição na construção da nação. Afinal, todos querem ter seus nomes escritos na história e perpetuados na memória de um grande país. Para mais informações ver: RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O fato e a fábula: o Ceará na escrita da História**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

que assolava a região; a obra memorialística autobiográfica *Meu Mundo é uma farmácia* (1940); o estudo da agroindústria canavieira através do livro *Engenhos de Rapadura do Cariri* (1958) que estava vinculado ao Ministério da Agricultura, através do programa de *Documentação da Vida Rural* (1951) ⁵; os estudos voltados para a convencionada “cultura popular” através das obras *O Folclore no Cariri* (1962) e *Folgedos Infantis Caririenses* (1966) e os estudos propriamente ditos de historiografia, *História do Cariri* (publicado em quatro volumes e quinze capítulos entre os anos de 1964 e 1968) e *Cidade do Crato* (1953) - publicado em co-autoria com Irineu Pinheiro (1881–1954) ⁶ em homenagem ao centenário de emancipação da Cidade do Crato.

Sujeito de grande atuação nos meios intelectuais e políticos dentro e fora de sua região, Figueiredo Filho estabeleceu relações em diversos locais e contribuiu com seus escritos de acordo com a necessidade que se era gerada em cada situação específica. Os livros que compõem a coletânea *História do Cariri* foram produzidos com um objetivo de servir de material para os alunos da disciplina de “História do Cariri”, da Faculdade de Filosofia do Crato. Como já colocado anteriormente, a obra *Cidade do Crato*, fora idealizada por conta da efeméride do centenário de sua terra natal. Já as suas publicações pontuais na revista *Itaytera* e nos anais dos encontros da ANPUH eram publicados devidos ao objetivo específico de cada instituição. Deste modo, devemos compreender esses escritos sobre o passado do Cariri como demandas que cada situação específica promove ao escritor. Compreender a escrita como um instrumento ativo dos intelectuais que estavam engajados em um projeto de vida: a construção de sua região a partir do passado legitimado pela cultura escrita. Todos esses elementos contribuirão para entendermos de que forma o passado era utilizado pelo autor com o objetivo de legitimar um determinado tempo e reivindicar a relevância do Crato/Cariri como sujeito ativo na construção do progresso e da identidade do país.

⁵ Esse programa estava destinado a elaborar um abrangente documentário acerca da vida rural brasileira. Era necessário destacar os elementos expressivos e fundamentais para a composição desse setor da sociedade brasileira. A amplitude desse programa era visível devido ao processo de expansão dos fatores abordados nos escritos do projeto: para além dos estabelecimentos agropecuários (engenhos, fazendas, garimpos), se desejava registrar os elementos que compunham o cotidiano dos habitantes do campo (manifestações folclóricas, danças, festas).

⁶ Nascido na cidade do Crato, Pinheiro cursou o primário no Seminário São José e formou-se em medicina na Faculdade Nacional do Rio de Janeiro, em 1910. Foi sócio-correspondente do Instituto do Ceará e da Academia cearense de Letras. Sua ação em prol da região caririense se materializou na fundação do ICC e na ocupação do cargo de Presidente da agremiação. Um ano após assumir a presidência, 1953, Pinheiro falece de um colapso cardíaco no dia 21 de maio de 1954.

Percebendo-o como um intelectual que supera as barreiras impostas pelos cânones legais de uma determinada profissão (Sua formação original não é no curso de História, e a prática de legitimação da ciência histórica no Brasil já possui uma trajetória que foi construída pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e pela então Associação Nacional dos Professores Universitários de História – ANPUH), faz-se necessário reformular as concepções existentes acerca do “fazer história” tendo em vista sua legitimação como um historiador – podemos encontrar registradas duas participações nos encontros da ANPUH nos anos de 1967, 1971 e 1973. Revisitar o lugar social de sua produção e de sua prática nos abre um leque de possibilidades de refletir sobre história e historiografia. Procura-se com a presente pesquisa, compreender a relevância de se debruçar acerca das práticas de concepção e prática do ofício do historiador.

A HISTORIOGRAFIA DE FIGUEIREDO FILHO: USOS DO PASSADO E LEGITIMIDADE INTELLECTUAL

Analisar a historiografia como uma prática social que possui uma historicidade, a torna inteligível em dois aspectos: na compreensão dos elementos que a própria escrita em si aborda e na elucidação trajetória que culmina na escrita. A figura de Figueiredo Filho apresenta-se como uma ótima oportunidade de realizarmos uma espécie de práxis enquanto historiadores. Por meio da análise de uma prática de constantemente estamos realizando, refletimos sobre a mesma e procuramos alargar perspectivas acerca do nosso ofício.

Não cabe aqui realizar uma extensa colocação acerca do status e trajetória da ciência histórica no Brasil, contudo vale ressaltar que o período que analiso já acumula diversas experiências de legitimação e formação da ciência histórica. Os séculos XIX e XX vão presenciar a construção instituições que pautavam a escrita da história nacional e os elementos que a compunham: a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838 e a fundação da Associação dos Professores Universitários de História (APUH) em 1961. O que pode se perceber, por meio de Figueiredo Filho, é que nem sempre esses espaços delimitam incisivamente parâmetros de classificação e aceitação do que venha a ser historiografia. Fato esse que pode ser caracterizado como

uma permanência da cultura historiográfica brasileira oitocentista, pois como afirma Temístocles Cezar, “[...] enquanto a nação estava sendo construída, a história, como disciplina científica ainda estava dando os seus primeiros passos. Se o projeto nacional não era evidente, tampouco o era a identidade da história e do historiador.” (CEZAR, 2011: 94). A fundação de uma instituição que primava normatizar e criar regras para o ofício de historiador, que tinha como principal missão construir a história da nação, não significou a instituição de um cânone inquebrável. Contudo, não se deve cometer o erro de menosprezar a relevância dos estudos e práticas de pesquisa desenvolvidas durante o período em que a historiografia no Brasil esteve sob a égide do IHGB.

Alguns elementos abordados pelo historiador caririense em questão, podem ser relacionados com a ótica desenvolvida pelos primeiros intelectuais que se propuseram a construir uma historiografia brasileira. Partindo das obras de Francisco Adolfo de Varnhagen (*História Geral e do Brasil*, 1854-1857) e José Honório Rodrigues (*A pesquisa histórica no Brasil: sua evolução e problemas atuais*, 1952), consideradas marcos na fundação do saber histórico brasileiro, proporciona-se uma percepção nítida do que constituía a prática historiográfica iniciada com os membros do IHGB. A escrita da história oitocentista estava a serviço do Estado; construir a nação brasileira através da instituição de um passado glorioso era a grande missão atribuída aos historiadores. Para tal, alguns elementos deveriam ser cultivados para uma escrita exitosa: o sentimento pátrio, o domínio técnico-científico e uma relação de “utilidade” para seus escritos. (TURIN, 2009).

Existia uma relação intrínseca entre o historiador, a ciência histórica e o projeto de nação. A imparcialidade na análise das fontes garantiria/representaria a maturidade intelectual do mesmo, enquanto se fazia necessário deixar visível a interligação direta entre o projeto de vida do historiador e o projeto de nação. Isso mostrava uma sintonia e responsabilidade que o intelectual estaria assumindo com a história do país. Como afirma Fernando Turin: “*Pode-se mesmo dizer que a própria possibilidade de se escrever a história da nação passava pelo estabelecimento prévio de uma relação entre a pessoa que escreve, o lugar que lhe é próprio e o projeto que defende.*” (TURIN, 2009:14). Com isso, a história acabava servindo ao projeto imperial, que visava construir a nação brasileira, criando um sentimento de nacionalidade e servindo de auxílio para o governo da nação.

Em relação ao historiador cratense, esses aspectos estavam presentes, como tal observa o historiador Carlos Rafael Dias. Para o autor,

Figueiredo Filho, no que pese o seu vínculo ‘umbilical’ com o Crato, sempre pensou regionalmente, enquanto historiador. Foi um dos principais mentores do ICC, ao lado de Irineu Pinheiro e Antonio Gomes de Araújo, e encarou seu papel frente àquele órgão como uma possibilidade de unir causas e sentimentos particulares de cada município caririense em torno de um projeto desenvolvimentista e identitário da região. (DIAS, 2014: 85)

As obras “História do Cariri” e “Cidade do Crato” nos apresentam elementos semelhantes aos apresentados acima, no que se refere à cultura historiográfica oitocentista. Em 1953, a cidade do Crato comemora o centenário de sua emancipação política. Em meio aos diversos projetos de comemoração da localidade que se colocava como a “Cidade da Cultura” (CORTEZ, 2000), ocorreu o lançamento da obra cunhada a quatro mãos: Figueiredo Filho e Irineu Pinheiro cunharam uma obra que objetivava traçar o itinerário de sucesso e glória da centenária cidade do Crato. Inúmeros esforços foram empreendidos para a materialização dessa obra, a ponto de conseguirem patrocínio do Ministério da Educação e Cultura para publicar o livro. Percebe-se que a perspectiva política/institucional (ênfase no aparato estatal) foi o elemento fundamental na elaboração e construção da referida obra.

A efeméride do centenário proporcionou a demanda da escrita de uma história da cidade, que legitimaria uma memória e um passado positivo. Os cratenses organizadores do festejo

[...]queriam imprimir aos moradores e visitantes do Crato uma imagem de cidade naturalmente próspera. A euforia comemorativa desses organizadores não cansava de apresentar um conjunto de indícios que, por suposição, atestavam um “adiantamento” da cidade a partir da década de 1850. (VIANA, 2011: 15)

O que a obra e os festejos desejavam proporcionar seria a percepção de que o Crato “também fazia parte da história do Brasil”. Tais discursos e práticas ensejavam um reconhecimento nos feitos do passado que gerassem um efeito de identificação com os feitos pretéritos e criação de uma memória histórica. A identidade cratense estava sendo formada a partir dos grandes feitos passados, gerando uma espécie de continuidade histórica e relação de veneração e referência ao passado, como elemento norteador das ações presentes. Já presente desde o processo de disputa de hegemonia com a cidade de Juazeiro do Norte, o discurso do progresso toma conta das efemérides do centenário e norteia a produção do livro de Figueiredo Filho e Irineu Pinheiro.

As comemorações em torno do centenário da cidade do Crato apresentam algumas informações fundamentais para compreender a obra “Cidade do Crato”. Os atos comemorativos procuram extrair valores e simbologias do que se é comemorado. Subjetividades individuais e coletivas vão de encontro com valores e características de uma pretensa identidade que se procura instituir. Em momentos como esse, o passado geralmente é evocado com o objetivo de causar uma exemplaridade para uma projeção futura. Fatos são lembrados e outros são esquecidos; é nessa dialética que a história é evocada para servir de elemento legitimador das imagens que tais agentes procuram imprimir.

A estrutura da obra pauta-se numa perspectiva muito cronológica, dando aos primeiros capítulos a função de explicar as origens da cidade, e relatar as características gerais dos primeiros passos que a mesma foi dando na região. Existe uma relação muito direta entre esses intelectuais e a Igreja Católica, sendo dada à essa o papel fundamental no desenvolvimento da cidade, não colocando nenhuma outra perspectiva religiosa como existente. O teor de destaque de questões eminentemente políticas não cessa no processo de confecção da obra, durante sua leitura percebe-se o destaque dado à uma necessidade de expor, nos mínimos detalhes, a trajetória do executivo municipal. É realizado um exaustivo trabalho de listagem de todos os prefeitos do município, a começar do ano de 1873, os juizes de direito da comarca do Crato (de 1903 até o ano da publicação), os oficias de cartório de registro civil e escrivães do júri (de 1889 até 1949) e dos serventuários do primeiro cartório da cidade. Não somente a esses sujeitos é dado o destaque na obra, os clérigos que dirigiram a igreja da cidade, alguns “cratenses

ilustres”, oficiais das forças armadas, médicos, agrônomos, cirurgiões, farmacêuticos, escritores e jornalistas.

O que se percebe, neste caso, é a formação de um panteão civil para a memória e história da cidade que obedece a uma perspectiva de que a cidade do Crato teve sua formação graças aos sujeitos/grupos acima colocados e por isso, devem ter seu nome gravado na obra que marca a fundação da história da cidade. Elementos como os trabalhadores, as mulheres, os negros, os nativos da região são colocados de lado; vale ressaltar que a perspectiva temporal abordada pelos autores data da elevação do Crato à condição de cidade.

A historiografia cumpre um papel fundamental no processo de legitimação do Cariri em relação ao restante do país. Os intelectuais dessa localidade imprimem com grande esforço a necessidade de reconhecer o papel da região. Para considerar relevante, deve se conhecer; eis a função da história: apresentar os grandes feitos que coloquem o sul do Ceará como um espaço relevante. A proposta de criar um sentimento de superioridade e civilidade para o Cariri encontrava na historiografia como uma grande aliada. A legitimação dos estudos do passado era colocada com base no argumento apresentado por Figueiredo, nas suas reflexões:

O Cariri não pode ser considerado um peso morto no desenvolvimento cultural nordestino a aliás de todo o Brasil. O litoral não o conhece porque não o estudou acuradamente. Só agora começa a enxergar-nos, pela evidência dos fatos. Rompeu o Cariri o tabu da civilização do CARANGUEIJO, do passado. E assim, coopera com a máxima eficiência, para a valorização do interior, colocando-se em pé de igualdade, nas suas devidas proporções, com o opulento litoral. (FIGUEIREDO FILHO [1968], 2010:19)

Os três historiadores que mais alcançaram destaque na região foram José Alves de Figueiredo Filho, Irineu Pinheiro e Padre Antonio Gomes de Araújo (1900-1989)⁷. Suas perspectivas historiográficas possuíam alguns elementos em comum: a dimensão

⁷ Nascido na Cidade de Brejo Santo, Gomes de Araújo entrou para o Seminário São José (na cidade do Crato), em 1919. Formou-se em 1927 e permaneceu como professor da mesma instituição até o ano de 1932; também foi professor da Faculdade de Filosofia do Crato.

memorialística dentro da narrativa histórica, a sacralização do passado cratense como um período de glórias e a devoção às letras e à civilidade. Perspectivas que colocavam o Crato em evidência, em relação às demais cidades. De modo geral, “História do Cariri” proporciona a difusão de um senso comum diante de uma história factual e linear, que destaca acontecimentos políticos e que legitima que as maiores glórias da região pousam no desenvolvimento da cultura intelectual.

Ampliando o espaço de atuação de Figueiredo Filho, chegamos à sua atuação em âmbito nacional, no campo dos historiadores. Mesmo sem possuir formação específica em história, o mesmo participa ativamente dos espaços legitimados pelos/para historiadores: a ANPUH. Seu estatuto abre precedentes de filiação para quem não tem formação em história. Três possibilidades são apresentadas, como prerrogativas de filiação à instituição:

- (i) sejam graduadas em cursos de História, devidamente aprovados pelo Ministério da Educação; (ii) sejam pós graduadas ou estejam cursando a pós graduação em História ou em cursos que tenham área de concentração em História, devidamente aprovados pelo Ministério da Educação; (iii) tenham publicado trabalhos em qualquer ramo da História, ou que atuem em áreas afins a ela, desde que recomendadas por uma Seção Estadual e referendadas pela Diretoria Nacional da Associação. (ANPUH, 1965)

A legitimação de um intelectual como apto ao processo de associação de uma associação de historiadores passa pelo crivo das sessões estaduais. Por sua intensa atuação na região do Cariri, seja como professor de História do Cariri ou como presidente do ICC, percebe-se sua legitimação institucional e intelectual. Além de participar da associação como membro, Figueiredo Filho fez parte da diretoria entre os anos de 1967 e 1973 integrando o Conselho Consultivo. Três gestões, que tinham como presidente Eurípedes Simões de Paula⁸, que foram interrompidas por seu falecimento. Suas participações nos encontros da ANPUH ocorreram nos anos de 1967, 1971 e 1973. Vale ressaltar as temáticas abordadas por ele, com o intuito de iniciar um processo de compreensão acerca de sua concepção de história. Em 1967 é apresentado o trabalho:

⁸ Advogado e historiador paulista, Eurípedes Simões fundou a *Revista de História*, em 1950 e foi diretor da mesma por 27 anos. Sua formação em história ocorreu na Universidade de São Paulo entre os anos de 1934-1936. Ministrou até a morte a cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval da mesma universidade em que se formara. Para mais informações, acessar: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/EuriSPau.html/>

“Sobrevivência portuguesa no Cariri Cearense”. Já em 1971, é apresentado o trabalho “Influência civilizadora do São Francisco no Cariri Cearense”; por fim, em 1973 “O Ceará antecipa-se à Abolição no país. A seca ainda faz escravos no Nordeste”. O que se percebe, inicialmente, é a predominância de trabalhos que tenham como ótica geral a inserção do Ceará nas narrativas nacionais. Os círculos e espaço de saber que foram freqüentados no seu estado delineiam sua escrita, suas escolhas de abordagens e a defesa de uma perspectiva de história. Deve-se atentar que *“É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhe são propostas, se organizam”* (CERTEAU, 1982:47). As referências bibliográficas apontadas por ele indicam produções locais de conterrâneos e contemporâneos. É nessa rede de relações que Figueiredo Filho vai construindo sua historiografia.

O historiador José Ítalo, destaca a intensa atuação nos campos historiográficos de Figueiredo, que:

[..] participou de dois simpósios promovidos pela ANPUH, um no Rio Grande do Sul, em 1967, outro em Campinas, em 1969. Na Faculdade de Filosofia do Crato, ele organizou o I Simpósio de História do Nordeste, em Junho de 1969. No ano seguinte, o Simpósio foi realizado em João Pessoa, na Paraíba, onde Figueiredo Filho apresentou o trabalho Onde e quando morreu Bárbara de Alencar. O estudo se propunha a corrigir versões recorrentes na historiografia cearense sobre as datas e locais “exatos” do nascimento e da morte de Bárbara de Alencar. (VIANA, 2011:89)

Um dos maiores incentivadores da história e da cultura caririense, sua projeção se deu em âmbito nacional. Barreiras e cânones do que até então tinha sido definido como “historiador” foram extrapolados por Figueiredo Filho. Contudo, sua prática de pesquisa e escrita do passado não se diferenciava dos historiadores de formação. A referenciação às obras, outros autores e pesquisa em fontes pautavam seu trabalho. Durante uma breve explicação sobre sua obra “História do Cariri”, esses elementos são apresentados.

Na realidade é um trabalho de compilação. Nem poderia deixar de ser uma iniciativa de tal monta. Meu mérito é apenas de concatenar o muito que estava escrito e esparso em tórno da heróica e

movimentada História do Vale Caririense. Bebe ensinamentos em muitas fontes puras, entre as quais, as dos pesquisadores eméritos – Irineu Pinheiro, já falecido e o Padre Antônio Gomes de Araújo, incansável e inteligente investigador do nosso passado. (FIGUEIREDO FILHO [1964], 2010)

O autor se coloca como um compilador de estudos sobre a história do Cariri. A seleção que o mesmo realiza, privilegia o que ele considera fundamental para a exaltação de um passado glorioso e digno de ser lembrado. As questões metodológicas também são colocadas em relevo ao destacar o processo de intensa pesquisa nas “fontes puras” que o Padre Antonio Gomes de Araújo realizou, de maneira incansável. O ato de referenciar outros sujeitos que realizam a mesma operação, demonstra a necessidade de estabelecer redes de contato para legitimar e fundamentar, principalmente, sua obra como digna de ser considerada fundamental para a aprendizagem/conhecimento do que ele estaria tratando.

Um conjunto de elementos vai traçando seu processo de legitimidade no campo da historiografia. São das mais diversas ordens e particularidades que devem ser analisados com cautela e cuidado. Contudo, já pode se inferir que sua produção (que não foi somente no campo da história), as relações institucionais e os espaços de poder ocupados, vão credenciando o historiador do Cariri. O que ainda não foi pesquisado, mas que será fruto de pesquisas durante o prosseguimento da pesquisa, é a recepção e aceitação da obra historiográfica do mesmo na região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

J. de Figueiredo Filho realizou um intenso trabalho que objetivava a legitimação da região sul do estado do Ceará como detentora de uma série de características (coragem, caráter, tradição, conhecimento, cultura) que levaram ao progresso e desenvolvimento do estado e do país. Sua escrita historiográfica estava inserida na demanda da produção de uma “história” que legitimasse todo um passado glorioso e que não deveria cair nas malhas do esquecimento. Suas produções foram amplamente pautadas nas relações que o mesmo foi traçando ao longo de sua trajetória intelectual sem mesmo deixar de lado o principal objetivo: mostrar a importância do Cariri na

construção e desenvolvimento da sociedade brasileira. Vale ressaltar a centralidade que a cidade do Crato ocupou durante esse processo; colocada como a “cidade da cultura e dos letrados”, essa cidade estabeleceu hegemonia não somente nos espaços de poder das instituições regionais, mas também na escolha dos elementos que iriam compor a escrita sobre o passado caririense.

Deste modo, o processo de legitimação de Figueiredo enquanto historiador se deu por duas vias: a institucional e a metodológica. A primeira foi garantida a partir do largo reconhecimento que o mesmo foi tendo enquanto homem das letras e defensor da região a partir de seus livros (memória, agricultura, romance, folclore), de sua ação no ICC e das aulas de história do Cariri na Faculdade de Filosofia do Crato, garantindo-lhe uma posição na Associação dos Professores Universitários de História. A segunda pode ser percebida através do trato dado com as fontes e bibliografia, sempre ressaltando o cuidado em “mostrar os fatos gloriosos ocorridos”. Referenciando outros historiadores e referendado pelos mesmos, ele se consolida enquanto operador da historiografia. Suas características de tratar o passado podem ser resumidas nas palavras de Otonite Cortez:

Nesse sentido, as obras dos historiadores, principalmente de Figueiredo Filho, ressaltou nuances de identidade cratense, tais como heroísmo, o altruísmo, a solidariedade, a hospitalidade, o espírito patriótico e ordeiro como traços do caráter do homem cratense. Enfatizaram a evolução dos costumes rumo da civilização e, sobretudo, da instituição de uma rede material de suporte da cultura letrada. (CORTEZ, 2000: 135)

A partir das questões levantadas acima, o que se propõe é uma árdua tarefa de reflexão epistemológica da história, compreender os elementos que interferem, compõem, dinamizam a escritura das categorias temporais (passado e presente) é ampliar os horizontes de expectativa sobre a nossa prática. Essas questões devem ter como elemento chave a compreensão do lugar de fala e de produção do historiador, contudo “Levar a sério não é ainda explicar a história. Mas é a condição para que alguma coisa possa ser dita sem ser nem legendária (ou “edificante), nem atópica (sem pertinência).” (CERTEAU, 2011: 64).

FONTES

- Estatuto da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH), 1965.
- FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. **História do Cariri. v.I** (capítulos 1-5). Fortaleza: Edições UFC, 2010. [fac-símile].
- _____ . **Renovação: romance de aspectos sociais do nordeste brasileiro**. São Paulo: Livraria Editora Odeon, 1937.
- Jornal Diário do Nordeste, 05 de maio de 2011
- Revista Itaytera, nº1, 1955.
- Revista Itaytera, nº 2, 1956.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Rio de Janeiro: Ed. Cortez, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História (3ª edição)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CESAR, Temístocles. *O ofício do historiador no século XIX. Notas sobre o caso Varnhagen*. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (Org.). **Leituras do passado**. Campinas: Pontes Editores, 2009.

_____. *Lições sobre a escrita da história: as primeiras escolhas do IHGB. A historiografia entre os antigos e os modernos*. IN: **Estudos de historiografia brasileira**. NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das. (et al.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

_____. *Presentismo, memória e poesia. Noções de escrita da história no Brasil Oitocentista*. IN: **Escrita, linguagem, objetos. Leituras de história cultural**. PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

CORTEZ, Antonia Otonite de Oliveira. **A construção da “cidade da cultura”: Crato (1889-1960)**. Rio de Janeiro, 2000. UFRJ. Dissertação de Mestrado.

DIAS, Carlos Rafael. **Da flor da terra aos guerreiros cariris: representações e identidades do Cariri Cearense (1885-1980)**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História- UFCG), Campina Grande, 2014.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado & RAMOS, Francisco Régis Lopes (Orgs.). **Futuro do Pretérito: Escrita da História e História do Museu**. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/ Expressão Gráfica, 2010.

_____. *Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional*. Revista Estudos Históricos nº1. Rio de Janeiro: 1998. pp. 5-27.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC - Rio, 2006.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O fato e a fábula: o Ceará na escrita da História**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

SEMEÃO, Jane; GOMES, Assis Daniel. . *Folclore: patrimônio e memória identitária caririense (1953-1980)*. In: **XIII Encontro Estadual de História do Ceará**. Sobral/CE. Anais do XIII Encontro Estadual de História do Ceará, 2012. v. 1. p. 1-12.

TURIN, Rodrigo. *Uma nobre, difícil e útil empresa: o ethos do historiador oitocentista*. Revista História da Historiografia, nº2, março/2009. pp. 12-28.

VIANA, José Ítalo Bezerra. **O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato: memória, escrita da história e representações da cidade**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História – UFC), Fortaleza/CE, 2011.